

# “DILMA ROUSSEFF NO *TWITTER*: ANÁLISE DA REAÇÃO DO *TWITTER* AO GOLPE SOFRIDO PELA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF (2015-2016)”

Thanise Weingaertner Dias<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca compreender a repercussão pública do processo de Impeachment (2015-2016) da então Presidenta Dilma Rousseff através da análise da hashtag #CALABOCADILMA e seu uso no *Twitter*. Para a construção desta análise procura-se evidenciar algumas dimensões do machismo e das compreensões dos espaços de homens e mulheres na política. A pesquisa estrutura-se em três momentos: a) entender o papel da História Digital no fazer historiográfico, b) contextualização da presença feminina na história política do Brasil e c) a identificação e construção de uma narrativa da análise do golpe através da hashtag previamente selecionada. Dá-se por dois vieses metodológicos: revisão bibliográfica e análise documental. O primeiro dialogando com a conceituação de história digital e redes sociais, além de articular os dois campos: História e Comunicação Social. Já o segundo, considerando o *Twitter* enquanto fonte.

PALAVRAS-CHAVE: Twitter; hashtag; História digital; impeachment;

## ABSTRACT

This article seeks to understand the public impact of the Impeachment process (2015-2016) of then President Dilma Rousseff through the analysis of the hashtags #CALABOCADILMA and its use on Twitter. For the construction of this analysis, it is sought to highlight some dimensions of sexism and the understanding of the spaces of men and women in politics. The research is structured in three moments: a) understanding the role of Digital History in historiographical making, b) contextualization of the female presence in the political history of Brazil and c) the identification and construction of a narrative of the analysis of the Coup through the previously selected hashtag . There are two methodological biases: literature review and document analysis. The first dialogues with the conceptualization of digital history and social networks, in addition to articulating the two fields: History and Social Communication. The second, considering Twitter as a source.

KEYWORD: Twitter; hashtag; digital history; impeachment;

## INTRODUÇÃO

O acesso à informação mudou. A conexão em tempo integral e a facilidade de acesso permite que a difusão do conhecimento e o fazer historiográfico seja mais amplo e global. Isto não significa, entretanto, que este acesso chegue a todos sem limites. Conhecemos muito bem

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado para a conclusão do curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 02 de Dezembro de 2021, orientado pela Professora Doutora Caroline Silveira Bauer.

nossas realidades sociais e não somos ingênuos o suficiente para nos enganarmos e acreditarmos que pelo fato da Internet possibilitar o acesso, isto significar que o todos o tenhamos. Existe sim uma desigualdade no acesso à internet e a informação e é essencial que saibamos reconhecermos nossos privilégios. Tendo clarificado isto, sigamos.

A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para a cultura digital, de modo que a forma como apresentamos as informações está se modificando. Além disso, a chegada dessas tecnologias foi acompanhada de um movimento de virtualização que provocou significativa distensão das noções de tempo e espaço. Fatores que de diferentes maneiras atravessam elementos chave para os profissionais da História: o tempo, o espaço e o dado. (LUCCHESI, 2014, p. 47)

A migração da produção historiográfica para os meios digitais já não é uma possibilidade futura, e sim uma realidade atual. Mas dentro desta realidade, há diferentes níveis no âmbito digital. Por exemplo, já utilizamos meios digitais há décadas. Os computadores já são uma segunda natureza. Grande parte dos trabalhos acadêmicos são escritos no Word. Internalizamos tanto estas ferramentas que não as consideramos mais como parte da digitalização da escrita da história. Elas fazem parte dessa revolução digital. Mas esta revolução já está em outra fase. Porém a História Digital é apenas uma parcela das relações entre história e novas tecnologias e o encontro com as novas tecnologias diz respeito ao conjunto do saber histórico, não apenas um de seus campos ou abordagens (SILVEIRA, 2018, p. 22).” Neste contexto, há uma necessidade evidenciar a atuação do historiador dentro deste guarda-chuva que abarca não somente a História Digital, mas também a História Pública, uma vez que:

Em primeiro lugar, essas redes reúnem milhões de pessoas. Nunca o historiador teve meios suficientes para alcançar um público tão amplo e heterogêneo. Refiro-me aqui, portanto, a uma das principais dimensões da História Pública: a divulgação científica.

Em segundo lugar, as redes sociais na Internet representam um enorme poder de colaboração popular. A História Pública não está interessada apenas em divulgar o conhecimento histórico. Ela também está interessada em fazer com que os diversos segmentos da sociedade participem da construção deste conhecimento.

Em terceiro lugar, as redes sociais na Internet interessam aos historiadores porque elas são um dos fenômenos históricos mais importantes da história da comunicação e da história contemporânea. E como fenômeno histórico, constitutivo da experiência dos homens no tempo e no espaço, podem e devem ser tomadas como objeto de estudo do historiador. (DE CARVALHO, 2016, pg. 41-43)

Partindo dos argumentos acima, o presente artigo busca *entender como foi a reação pública no Twitter durante ao período do Impeachment<sup>2</sup> da Presidenta Dilma Rousseff (2015-*

---

<sup>2</sup> Acredito que é importante darmos nomes aos fatos. Foi um golpe. Então sempre que possível, assim o chamarei.

2016) a partir da hashtag #CALABOCADILMA. Se pensarmos que o *Twitter* é um reflexo de uma parcela da sociedade, acredito que há uma relevância neste estudo para que possamos verificar o funcionamento deste nicho social, ou como prefiro chamar, esta “bolha”, uma vez que há necessidade de compreender como as narrativas são expostas no *Twitter*. Em outras palavras, o argumento que norteia a reflexão é simples:

[...] a observação do que é dito no *Twitter* e a forma como circulam informação e opinião na rede observada, podem indicar que tipo de relação há entre a conversação no *Twitter* e a formação da opinião pública. (RECUERO, 2017, p. 19)”.

O *Twitter* é uma rede social e um servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio de mensagens de até 280 caracteres nomeadas como “*tweets*”. As mensagens são exibidas em tempo reais no perfil do usuário, bem como compartilhada com aqueles que “seguem” o usuário em questão. A rede social tornou-se famoso por permitir que, através do uso hashtags (#), seja possível criar uma “rede de sociabilidade” a partir da visualização destas postagens. Como assim? Explico. O usuário X faz um post e inclui uma # na postagem dele. Ao clicar na dita #, ele terá acesso a todas as postagens que já utilizaram da mesma hashtag em algum momento. Ou seja, é possível localizar os todos os posts já feitos na rede social<sup>3</sup> para então criar ditas redes. A utilização das hashtags cria uma forma de indexação de conteúdo, ou seja, acabamos por ter no uso das hashtags, uma curadoria temática, a criação de um arquivo que facilita a pesquisa para os historiadores que trabalham o *Twitter* enquanto fonte. Além disto, o próprio *Twitter* utiliza da popularidade das hashtags no decorrer do dia para criar os *Trending Topics*, ou seja, os assuntos mais comentados da rede social. Portanto caso o usuário queira saber o que está sendo discutido em qualquer ponto do dia, ele pode simplesmente abrir o *Twitter* e descobrirá.

Partindo da proposta supracitada, buscamos assim analisar qual versão da Dilma é construída no *Twitter* pelo uso da hashtag #CALABOCADILMA. Assim sendo, implícito à problemática exposta anteriormente, encontram-se elementos os teóricos-metodológicos basilares no desenvolvimento da pesquisa. Encontro na História Digital, portanto, a interlocução entre os dois campos nos quais a pesquisa se situa: História e Comunicação Social, dois campos simultaneamente convergentes e divergentes.

---

<sup>3</sup> O site permite que o usuário acesse, através das hashtags, todos os posts que utilizaram daquela hashtag. Entretanto cabe ressaltar que, caso o post venha a ser deletado, o mesmo não ficará disponível para visualizações futuras. Além disso, há um certo limitador da própria API do *Twitter*: caso seja um conteúdo com um grande volume de dados, há um limitador de tempo que não ultrapassa de sete dias, ou seja, *tweets* com hashtags extremamente populares, se buscados manualmente direto no site do *Twitter*, só poderão ser acessados aqueles postamos nos últimos sete dias.

## SEÇÃO 1 – HISTÓRIA DIGITAL – ENCRUZILHADAS METODOLÓGICAS

É inegável discutir as maneiras que a “construção e criação” da História é vista e feita através dos séculos. As diferentes escolas historiográficas, com suas diferenças que não cabem serem destacadas aqui neste momento, entendem o fazer História de maneiras diferentes. Cabe aqui assinalar que Certeau entende a História - ou a parte prática do "fazer História" - enquanto "criação". O termo empregado por Certeau é "criar". Apesar de banal, é emblemático. O exercício da escrita da História, em seu ponto inicial, o estabelecimento das fontes, também é criação.

[...] tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. [...]. Longe de aceitar os dados, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. (CERTEAU, 2013, p. 67).

Esta criação, dentro do conceito de História Digital que aqui estará sendo utilizado, inclui um tipo de fonte que de certa maneira ainda pode ser considerado recente, ao menos para os historiadores: o ciberespaço. Para o sociólogo Pierre Lévy (1999-b *apud* ALMEIDA, 2011) O ciberespaço é o espaço imaterial que guarda o oceano de informações que utilizamos e atualizamos diariamente: a Internet. Continuando nas ideias de Levy,

[...] é dado o nome de “cibercultura” ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999-b, p.17 *apud* ALMEIDA, 2011, P. 11)

Desta forma,

Nesse processo, o digital aparece não apenas na realidade inexorável (por vezes, monstruosa) das redes sociais, mas também enquanto campo de pesquisa. Ferramentas de pesquisa (e de pirataria) acadêmica, bancos de imagens, acervos de documentos digitalizados, tradutores, leitores de pdf, ebooks, tablets, todos tornaram-se e tornam-se parte da rotina e do *modus operandi*, do fazer história no atual tempo. (TERRES; PIANTÁ, 2020, p. 266)

É notável que com a evolução diária das tecnologias, o fazer historiográfico também precisa acompanhar esta mudança. A História não é estática, portanto, também não pode ser o historiador. Há uma constante necessidade de atualização no que tange os instrumentos do fazer historiográfico: as tecnologias que anteriormente eram mais associadas ao campo das Exatas, hoje também se encontram no campo das Humanas. Não tenho a pretensão de afirmar que a historiografia era, com o perdão da palavra, antiquada. Mas no momento que decidimos dedicar a vida à História, normalmente pensamos que seremos expostos a longos textos, e não a grafos, análise de dados e programação, que foram os elementos fundamentais na elaboração desta pesquisa em andamento. Como citou Almeida (2011, p. 11) “A historiografia não pode se isolar da realidade que pretende estudar”. Portanto, é importante lembrarmos que

Nossa compreensão é a de que existem potencialidades inexploradas no meio digital, que vão muito além de simplesmente comunicar, acessar e processar dados: novos sentidos são criados em cada relação tecnologicamente mediada – sentidos retóricos, políticos, históricos. (LUCCHESI, 2014, p. 49)

Levando em consideração que este artigo surgiu de uma ideia tão ampla que, ao invés de um trabalho de conclusão de curso, acabou virando um projeto de mestrado, acho importante ressaltar que neste momento não há aqui a ambição de desbravar o *Twitter* inteiro e criar redes de sociabilidade entre os autores das postagens que contenham as hashtags e as palavras chaves selecionadas<sup>4</sup>. A ideia aqui é mais singela: é apresentar a possibilidade de trabalhar o *Twitter* enquanto fonte histórica, apresentando alguns *tweets* com a #CALABOCADILMA para que possamos brevemente analisar qual a narrativa da Internet ao golpe sofrido pela então Presidenta Dilma Rousseff.

Partindo desta ideia, o mecanismo de pesquisa se dará da seguinte maneira: a busca pela hashtag selecionada será feita no mecanismo de busca do *Twitter*, de maneira não automatizada, ou seja, não utilizarei de nenhum software específico para isto. Entrarei na minha conta pessoal na dita rede social<sup>5</sup> e irei fazer a busca de manualmente. Os *tweets* selecionados foram do período de 2015-2016. Ao achar o *tweet* que contenha a hashtag selecionada, o *tweet* será *printado*<sup>6</sup>, catalogado e guardado em um banco de dados, para após análise, ser adicionado na

---

<sup>4</sup> A ideia inicial desde trabalho era criar um banco de dados com todos os *tweets* que utilizassem a hashtag selecionada para então criar uma rede de sociabilidade entre os usuários do site. Através da rede de sociabilidade, pretendia entender o grau do relacionamento entre os usuários, bem como entender a força dos *tweets* através da análise de sentimentos, para poder enfim verificar como o *tweet* era entendido perante o grande público. O projeto tornou-se grande demais e complexo demais para um trabalho de conclusão de curso e acabou virando meu projeto de mestrado.

<sup>5</sup> @thanisew

<sup>6</sup> Imagem digitalmente capturada

sessão a qual pertence. A construção deste banco de dados foi a parte mais delicada deste projeto, uma vez que há necessidade de fazer uma separação manual dos tweets a serem utilizados. A catalogação dos tweets se deu da seguinte maneira: os tweets selecionados no interregno de tempo previamente mencionado foram separados em três grandes grupos: “política”, “gênero” e “outros”. O grupo “outros” era o grupo mais genérico, onde os tweets não possuíam uma temática definida, como por exemplo a Figura 9 e Figura 10. Já o grupo política ganhou subcategorias, sendo elas “lula” e “comunismo”, devido ao grande volume de tweets encontrados que acabaram se cruzando com este subtema. Como nem todos os *tweets* poderão ser aqui utilizados, o restante que está no banco de dados será utilizado no projeto de mestrado.

Como menciono mais a frente, esta busca resultou em algumas hashtags associadas. Este processo se deu pois alguns *tweets* continham mais de uma hashtag, o que levou a uma expansão da busca e, portanto, expansão do banco de dados. Entretanto, cabe ressaltar que a #CALABOCADILMA foi utilizada em diversas ocasiões, principalmente no período de 2018 quando Dilma se candidatou ao senado pelo estado de Minas Gerais. Apesar de possuírem um conteúdo muito valioso no sentido de pesquisa, estes *tweets* não serão utilizados pela questão do recorte temporal.

## **SEÇÃO 2 – HISTORIOGRAFIA POLÍTICO-FEMINISTA**

*Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. (PINTO, 2010, p.15)*

Não é surpresa nenhuma verificar que o cenário político brasileiro que hoje, mesmo tendo a presença de mulheres de destaque como Manuela D’Avila (Porto Alegre), Luciane Carminatti (Chapecó), Marielle Franco<sup>7</sup> e claro, Dilma Rousseff, bem como aquelas que estão começando a aparecer no cenário político, como as vereadoras Karen Santos (POA) e Carol Listone (Chapecó), ainda é majoritariamente composto por homens brancos, cisgêneros, de classe média alta. Se em 2021, no momento que nos encontramos na efervescência das militâncias pelos direitos das minorias ainda encontramos enormes barreiras no espectro político-social, não é muito longe da realidade afirmarmos que no passado político do país, as

---

<sup>7</sup> E desde dia 14 de março de 2018 estamos sem respostas. Quem mandou matar Marielle Franco e Anderson Pedro Gomes?

condições para a participação política das mulheres não eram melhores do que no presente momento, uma vez que,

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado [...] Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador. (PINTO, 2010, p.16)

A década de 60 ressoou de maneira diferente no Brasil, principalmente quando comparada aos Estados Unidos e à Europa. Embalados por Beatles e Woodstock, esta nova vertente do movimento feminista aparece como um movimento libertário, que busca autonomia e liberdade sobre suas ações e seu corpo, e não somente a tradicional busca por um espaço para mulher. Entretanto, a originalidade desta novo movimento feminista recaí na existência de outras formas de dominação - agora não estamos mais atreladas somente a dominação de classes, mas também a dominação de gênero.

Enquanto no hemisfério norte os movimentos feministas proliferavam e eram bem sucedidos, o cenário brasileiro era extremamente oposto. Com um governo focado na repressão total, não havia possibilidades legais de luta política e as pautas identitárias e de grupos minoritários simplesmente não existiam. Este cenário, de acordo com Celi Pinto (2010, p.16-17) obrigou os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha. Já na década de 70, o Brasil começou a dar os primeiros passos em direção às manifestações feministas. As mulheres militantes não eram vistas sob a melhor das óticas, uma vez que o regime militar as entendia enquanto “políticas e moralmente perigosas”.

O cenário pós ditadura não teve uma melhora imediata, mas a abertura das mulheres na política começou a aparecer, como por exemplo a eleição da militante da esquerda Luiza Erundina para a prefeitura de São Paulo em 1988. Já em sociedades democráticas, podemos afirmar que

Em países onde o movimento feminista teve uma história longa com muita visibilidade e com vitórias expressivas no campo dos direitos das mulheres, há um número importante de mulheres na disputa eleitoral e nos cargos legislativos, executivos e judiciários. (PINTO, 2010, p.18)

Entretanto, o que essa presença significa na prática? Esta mulher é de fato uma presença ativa político-social, ou somente uma presentificação da ausência? Estas mulheres nas disputas

de cargos eleitorais e legislativos precisam se “desmulherificar” para garantir sua presença, uma vez que os todos os espaços de poder, do executivo ao legislativo, possuem em seu *core* homens em posições de poder. Uma vez que,

A entrada, nestes espaços, de personas, de grupos que forjaram lugar no espaço público justamente desafiando esta ordem hierárquica é freada de todas as maneiras. Este espaço de poder tem mostrado uma grande capacidade de conversão de novos membros à sua dinâmica de reprodução de desigualdade [...] Para ter este êxito, deve limitar o acesso aos novos membros. Ao próprio feminismo foi dado um lugar neste arranjo de dominação. As mulheres feministas podem falar algumas coisas e não outras. As mulheres não-feministas terão poderes outros, porque não-feministas. Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. (PINTO, 2010, p. 20)

Todavia, é importante ressaltar que nem toda mulher candidata e/ou eleita se entende enquanto feminista ou trabalha com pautas feministas. Isso abre um enorme guarda-chuva de questões na pauta de representatividade que não irão ser discutidas aqui, mas não se pode negar que “é muito mais provável que as demandas por direitos das mulheres sejam defendidas por mulheres do que por homens, independente da posição política, ideológica e mesmo da inserção no movimento feminista (PINTO, 2010, p.18)”. Isto não significa que não há possibilidade de que homens defendam pautas voltadas aos direitos das mulheres, mas, na grande maioria dos casos, eles têm suas próprias agendas de interesses.

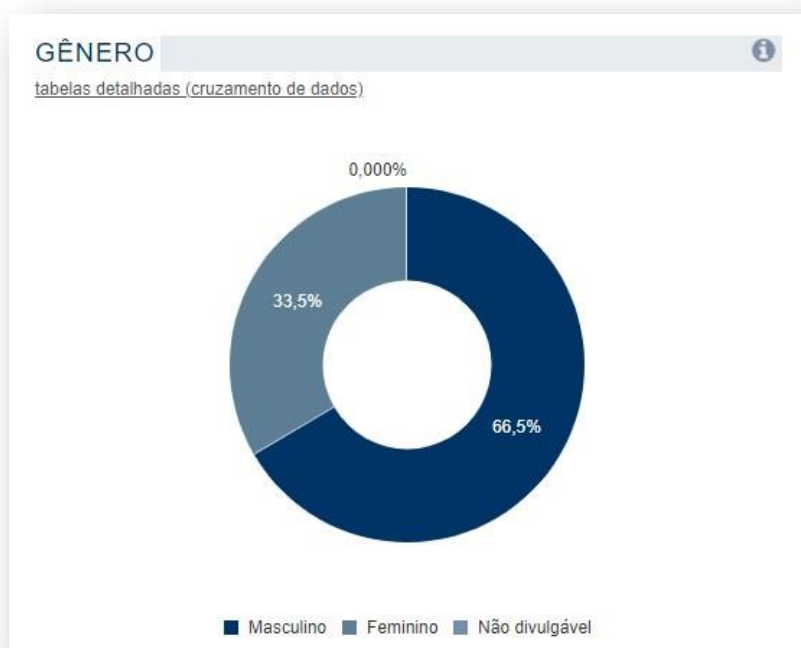
Isso tudo nos traz até a última eleição: 2020 nas esferas municipais. Com intuito de eleger prefeito(a) e vereadores(as), os brasileiros que foram às urnas tiveram a opção de escolher entre 531.839 candidatos aptos<sup>8</sup>. Conforme gráfico abaixo, dentro destes mais de quinhentos mil candidatos, somente 33,5%, ou seja, 177.914 candidatas eram mulheres. Por mais que o número ainda esteja longe do desejado, já conseguimos somar pelo menos um terço da fatia dos candidatos. Mas o que isso significa no resultado final das eleições? Destas 177.914 mulheres, quantas foram eleitas?

---

<sup>8</sup> Tribunal Superior Eleitoral. **Estatísticas Eleitorais**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>. Acesso em: 27 out. 2021.



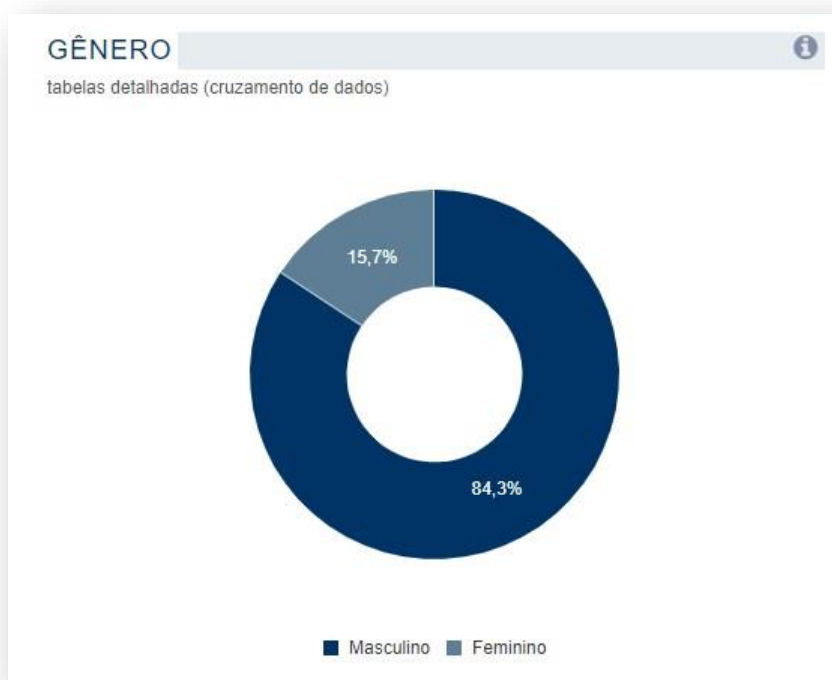
Gráfico 1: Comparativo de candidatos aptos homens e mulheres, em nível nacional, nas eleições municipais de 2020



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

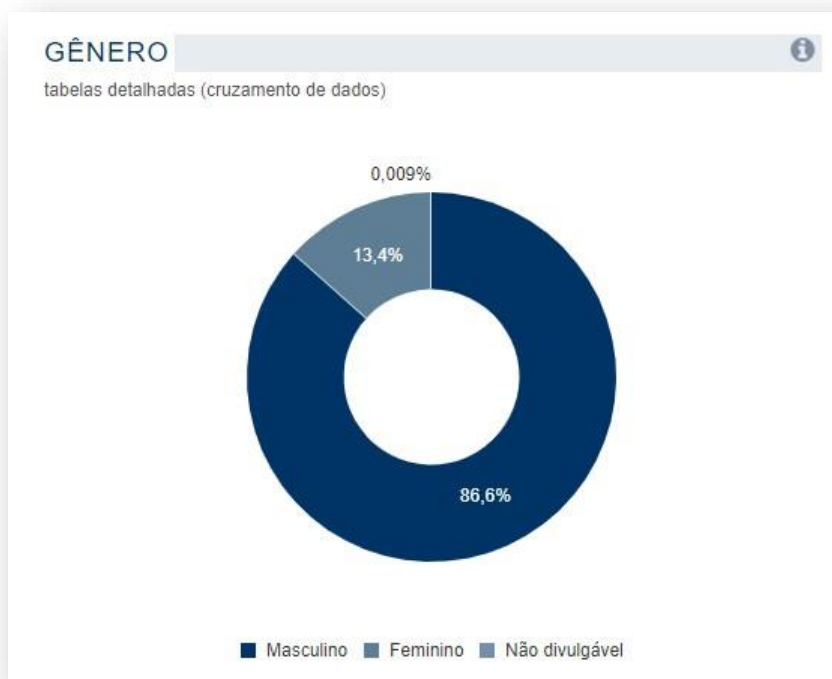
Conforme podemos ver no gráfico 2, somente 15.7% dos candidatos totais eleitos são mulheres, ou seja, o número irrisório de 10.826 mulheres estão nos representando pelos próximos quatro anos. Gostaríamos de acreditar que estamos indo em direção a um futuro promissor, onde tenhamos cada dia mais mulheres em plataformas eleitorais. Entretanto o gráfico 3, referente a eleição de 2016 nos mostra um cenário diferente.

Gráfico 2: Comparativo de candidatos eleitos homens e mulheres, em nível nacional, nas eleições municipais de 2020



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

Gráfico 3: Comparativo de candidatos eleitos homens e mulheres, em nível nacional, nas eleições municipais de 2016



Fonte: Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

Podemos notar que há um crescimento de 13% quando comparamos as candidaturas das mulheres nas eleições de 2016 e 2020. Entretanto, a eleição percentual de mulheres diminuiu quando comparamos as duas eleições, de acordo com a tabela 1.

*Tabela 1: Comparativo de dados entre as eleições municipais de 2020 e 2016*

	Candidatas Mulheres	Mulheres Eleitas	Percentual Mulheres Eleitas
2016	146.864	9.238	6,29%
2020	177.914	10.826	6.08%

*Fonte: Elaboração Própria*

Mas por qual motivo ainda não elegemos mulheres, mesmo quando temos candidatas tão bem preparadas concorrendo em todas as eleições? Seria ainda a existência de um machismo estrutural que nos impede de votarmos em mulheres? Este questionamento não será resolvido nesta análise, mas não pode deixar de ser pensado.

No que tange à história político-feminista, uma mulher ocupa um lugar de destaque. É impossível trabalharmos a história do Brasil sem mencionarmos a participação desta mulher. Ela que, sofreu atos inimagináveis de tortura e ainda se manteve forte o suficiente para não comprometer a vida dos seus iguais. Ela que foi a primeira, do que espero que muitas ainda sejam. Ela que incentivou a educação com a criação do Ciência sem Fronteiras<sup>9</sup> e investiu na saúde pública com a criação do Mais Médicos<sup>10</sup>: nossa querida<sup>11</sup>, Dilma Rousseff.

### **SEÇÃO 3 - DILMA NO TWITTER - #CALABOCADILMA**

Selecionar a Dilma enquanto objeto de estudo não foi nada difícil, afinal, de certa maneira ela representa todas as mulheres brasileiras: mesmo sendo vítima de tortura, ela é culpabilizada e ainda é violentada todos os dias por uma sociedade extremamente machista. E ao sofrer um golpe, ainda teve que ouvir calada que tudo era em nome de Deus, apesar de

---

<sup>9</sup> Ciência sem Fronteiras foi um programa de pesquisa criado em 26 de julho de 2011 pelo governo Dilma Rousseff para incentivar a formação acadêmica no exterior, oferecendo bolsas de iniciação científica e incentivando projetos científicos em universidades de excelência em outros países.

<sup>10</sup> Mais Médicos foi um programa lançado em 8 de julho de 2013 pelo Governo Dilma, cujo objetivo era suprir a carência de médicos nos municípios do interior e nas periferias das grandes cidades do Brasil. O programa levou 15 mil médicos para as áreas onde faltam profissionais.

<sup>11</sup> Referência a hashtag que será utilizada na próxima sessão, porém neste caso sendo colocada de forma carinhosa.

vivermos em um estado teoricamente laico, além de ouvir homenagens a imitação de ser humano que a torturou.

Conforme Bianchetti, Valle e Pereira (2015, p. 6) “é por meio de pesquisas – e essas são nossas verdadeiras armas” – que podemos resgatar, visibilizar, empoderar, demonstrar, desmascarar, debater os mais diversos assuntos.

Oliveira (2008, p. 69) entende a pesquisa documental como “busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”. Partindo do conceito de Pádua (1997, p. 62) de pesquisa documental como aquela que se dá “a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, [...] a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências”, entende-se assim, o website *Twitter* como documento, e, portanto, fonte de informações, possibilita, na totalidade do seu conteúdo, esclarecer e elucidar determinadas questões.

Uma das questões mais importantes a respeito da difusão de informações em sites de rede social está no seu papel na formação da opinião pública. Isso porque as informações circulam de modo diferente nessas ferramentas. São os atores que, a partir de motivações baseadas em suas percepções individuais, filtram e replicam as informações, tornando-as visíveis para o restante da rede. (RECUERO, 2017, p. 19)

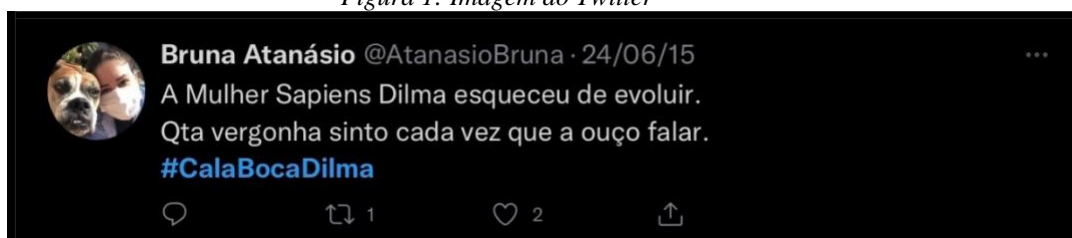
Há na comunicação recorrentes estudos que utilizam do *Twitter* enquanto fonte dentro deste universo político. Aqui cabe ressaltar os trabalhos da Professora Raquel Recuero, cujo trabalho específico com análise de hashtags dentro do âmbito político foi a grande inspiração para esta ideia. Também acredito ser importante mencionar, mesmo que brevemente, a existência de estudos no que tange as reações midiáticas ao golpe, como MELO (2019) e CORREA (2018). E as conclusões, de maneira geral, são claras: a mídia foi extremamente manipuladora quanto ao posicionamento durante o processo do impeachment. As capas das revistas eram maldosas e sexistas. Não houve uma transparência midiática que se espera de veículos de comunicação. Houve um posicionamento claro e direto. E é deste ponto que eu parto. Se a mídia estava sendo partidária, o que esperar do *Twitter*, que repercute e reflete estas reações?

Quando há mobilizações que proporcionam circulação de opiniões de usuários na rede, há um processo de influência na formação da opinião pública. Observando o âmbito político, é possível afirmar que as discussões na internet são compostas frequentemente pela participação e mobilização de cidadãos em geral, não apenas de partidos políticos e suas militâncias (RECUERO, 2017, p. 21 *apud* GIBSON, 2013, p. 29)

Primeiramente, antes de começar a análise propriamente dita das imagens que virão a seguir, é importante deixar claro que, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018), os autores das postagens a seguir terão suas identidades (nome de usuário) protegidas. Em caso em que o perfil não seja pessoal e não tenha como vinculá-lo a uma pessoa, então o nome do usuário não será encoberto.

Inicialmente havia selecionado somente uma hashtag, a que nomeia esta sessão, #CALABOCADILMA. Porém a pesquisa tem vida própria, de certas maneiras, e ela acaba sozinha por decidir para onde vai. Notei que, curiosamente, essa hashtag normalmente não era utilizada sozinha, provavelmente para fazer com que o post tenha mais visibilidade e circulação na rede. Normalmente, ela vinha acompanhada em maiores quantidades de outras hashtags (a escrita varia de letras minúsculas, maiúsculas ou uma mistura de ambas) como #FORAQUERIDA e #FORAPT, conforme imagens abaixo. Também foi possível associar com muita frequência às hashtags relacionadas ao então ex-presidente Lula, como #LulaNaCadeia e #LulaLadrão.

Figura 1: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Figura 2: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Figura 3: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Outra característica bastante presente nos posts, é não somente o uso da linguagem coloquial, o que é comum dentro do universo das redes sociais, mas o uso de ironia, sarcasmos, e o mais intrigante, existe uma verdadeira destilação de ódio nos posts relacionados à então Presidenta. Não foi possível colocar aqui todos os posts observados, uma vez o número de posts passaria facilmente da casa das centenas. Porém dentre eles é possível encontrar posts que desprezam a tortura sofrida por Dilma, posts com ofensas pessoais e comparações a animais, montagens ofensivas e afins.

Conforme apresentado anteriormente, os números das urnas não mentem: todo o sistema eleitoral brasileiro é estruturalmente machista. Portanto, ao termos uma chefe de estado mulher, podemos então afirmar que esta destilação de ódio é originada no gênero. Há uma clara desumanização da pessoa Dilma, da mulher Dilma, que é reduzida a um objeto de desprezo devido sua condição enquanto mulher e, principalmente, enquanto mulher ligada a partidos tradicionalmente de esquerdas.

A partir das hashtags associadas, podemos notar a presença de posts indicativos de fraude eleitoral, além de inúmeros agradecimentos a certos políticos pelo fato de o processo do impeachment estar em andamento. A laicidade do sistema é questionável quando analisamos o

processo do impeachment como um todo. Entretanto, (in)felizmente, esta análise não cabe no momento.

Figura 4: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Figura 5: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

E claro, quando falamos sobre a esquerda brasileira, especialmente sobre o Partido dos Trabalhadores (PT), não podemos deixar de fora a associação ao comunismo. Há anos existe o discurso que a esquerda irá implantar o regime comunista no país e que, ao tirar a Dilma da presidência, estarão livrando o Brasil da suposta ameaça. Mais uma vez na história do nosso país, estamos lutando contra o fantasma do comunismo. E mais uma vez, o fantasma venceu.

Figura 6: Imagem do Twitter



Figura 7: Acervo Pessoal (2021)

Figura 8: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

No que tange à violência, há *tweets* tanto de perfis de pessoa física e perfis *fake*<sup>12</sup> que promulgam a ameaças contra a presidenta, tanto na forma de “ironia” como de forma mais explícita. Entretanto, muitos dos posts pró-violência são feitos de contas particulares, de perfil de pessoa física, o que indica que não há receio de repercussão negativa da postagem. O desgosto é tão explícito e público, que torna-se normal desejar a agressão e não há nenhum tipo de “punição” por parte da própria rede social. A violência foi tão banalizada que ela não choca mais. Os posts agressivos são só mais um junto ao oceano de ofensas.

---

<sup>12</sup> Perfil não real criado com o intuito de disseminar informações falsas. Há também os famosos bots, que são perfis automatizados, ou seja, robôs que são programados para executar autonomamente ações como twittar, re-twittar, gostar, seguir, deixar de seguir ou enviar mensagens diretamente a outras contas



Figura 9: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Figura 10: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Figura 11: Imagem do Twitter



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

Já em direção a conclusão, os *tweets* acima servem para mostrar que é nem todos os usuários construíram uma Dilma perversa, comunista/terrorista e “burra”. Foi possível encontrar, embora em poucas instâncias, usuários do *Twitter* que estavam insatisfeitos, que tinham na Dilma a *persona* da Presidenta que não os satisfazia e utilizavam a hashtag de maneira a questionar e problematizar a situação, mas não de maneira ofensiva e arrogante. Claramente estes usuários são uma minoria.

Não há aqui uma ilusão sobre a bondade do ser humano, uma vez que nós, enquanto seres humanos, temos plena noção da nossa capacidade de sermos “bons ou maus”. A pesquisa

não está aqui para nos relatar o nível de maldade de alguém, mas sim analisar as consequências disso. Porém é interessante saber que ainda existem pessoas que não estão nas redes sociais com o intuito de atacar, mas sim expressar uma opinião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que ao final de uma pesquisa, nunca estamos realmente no fim, uma vez que dificilmente zeramos nossos questionamentos e estamos prontos para partir para a próxima. A pesquisa é um eterno “resolverei isto no próximo artigo”, onde cada artigo irá gerar as formular os questionamentos que levarão ao próximo. Dito isso, nesta singela pesquisa, não buscamos revelar grandes verdades, sim apresentar uma nova possibilidade de pesquisa, mostrando como podemos utilizar o *Twitter* para entender como um certo grupo de pessoas, usuários de uma rede social, entenderam o processo de um golpe que abalou todo o sistema democrático brasileiro.

Para o *Twitter*, ou melhor, para um certo nicho de usuários, e infelizmente acredito que este nicho é muito maior do que gostaríamos que fosse pois, infelizmente este nicho veio a eleger o atual presidente, a narrativa do impeachment é válida e positiva. Para este grupo, não foi golpe. O impeachment foi merecido, foi positivo para o Brasil. Na visão destes indivíduos, todos os problemas econômicos e sociais viriam a acabar “ao tirarmos o PT”. Como eles diziam, “primeiro tiramos a Dilma”. E, na visão deste grupo de usuários, existe uma Dilma, a Dilma criada por eles, que foi a pior coisa a acontecer ao país.

Isto significa que não há verdade e que há impossibilidade de usar o *Twitter* enquanto fonte histórica? De maneira nenhuma. O importante ao trabalharmos o *Twitter*, e qualquer outra rede social, é lembrarmos que estamos lidando diretamente com comportamento humano e que para tudo há nuances, não encontraremos respostas únicas e concretas em uma rede social, mas sim uma diversidade delas e a certeza de que talvez Rousseau estivesse sim errado.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedros: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)**, v. 3, p. 9-30, 2011.

BASTOS, M. T. ; Recuero, Raquel ; ZAGO, G. S. . A endogamia da Comunicação: redes de colaboração na CSA 1. **Revista FAMECOS** (Online), v. 23, p. 1-22, 2016.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, L. F. . História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e o uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **ESTUDOS HISTÓRICOS**, v. 33, p. 196-219, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 8. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

CHARTIER, Roger. **História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

COLLING, Ana Maria. 50 anos da ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **Opsis**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 370, 19 dez. 2015. Universidade Federal de Goiás..

CORREA, Susana Silveira. **Análise de capas da revista Veja: A construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos**. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

DE CARVALHO, Bruno Leal Pastor. História Pública e Redes Sociais na Internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista TransVersos**, v. 7, n. 7, p. 35-53, 2016. Disponível em: História Pública e Redes Sociais na Internet

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 09, n. 20, p.05-74, 31 maio 2017. Universidade do Estado de Santa Catarina.

GRESPLAN, Carla Lisbôa; RATTO, Cleber Gibbon. Hashtags e sociabilidade: potencialidades e possibilidades da ciberdemocracia. **Artefactum**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 1-13, 2017.

LUCCHESI, A.. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, v.1, p. 45-57, 2014.

LUCCHESI, A.. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **Revista História Oral**, v. 17, p. 39-69, 2014.

MELO, Vanderléia Valéria de. **Abordagens das revistas Veja e Cartacapital sobre o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff**. 2019. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Paulista, Bauru, 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História, Franca**, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. **FapUNIFESP** (SciELO).

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít**, Curitiba, v. 36, n. 18, p. 15-23, 2010.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. São Paulo: Autêntica, 2008.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe . **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter**. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 1, p. 1, 2020.

RECUERO, Raquel. Frauden as Urnas: Estratégias Discursivas de Desinformação no Twitter nas Eleições 2018. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, p. 1, 2020.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: como circula a desinformação sobre covid-19 no twitter. **Revista Contratempo**, [S.L.], ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/scielopreprints.1154>.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela ; SOARES, Felipe B. . Using Social Network Analysis and Social Capital to Identify User Roles on Polarized Political Conversations on Twitter. **SOCIAL MEDIA + SOCIETY**, v. 1, p. 1-20, 2019.

RECUERO, Raquel; Gruzd, A. . Cascatas de 'Fake News' Políticas: Um estudo de caso no Twitter. **GALÁXIA** (PUCSP), v. 41, p. 31-47, 2019.

RECUERO, R.. Social Media and Symbolic Violence. **Social Media + Society**, v. 1, p. 1-10, 2015.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras** (Online), v. 16, p. 60-77, 2014

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela ; BASTOS, M. T. . O discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. **Galáxia** (São Paulo. Online), v. 14, p. 199-216, 2014.

RECUERO, Raquel. O CAPITAL SOCIAL EM REDE: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporanea** (UFBA. Online), v. 10, p. 597-617, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. É da época e deu: usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. **Revista Perseu**, São Paulo, v. 7, p. 85-104, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **História, técnica e novas mídias**: reflexões sobre a história na era digital. 2018. 375 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOARES, Felipe Bonow; RECUERO, Raquel. OPINIÃO PÚBLICA NO TWITTER: análise da indicação de alexandre de Moraes ao STF. **Logeion Filosofia da Informação**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 18-37, 2017. Logeion Filosofia da Informacao.

TERRES, Pedro Toniazzi; PIANTÁ, Lucas Tubino. Wikipédia: públicos globais, histórias digitais. **Esboços: história em contextos globais**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 264-285, 2020.